ANNO 6.º — Sexta-feira, 9 de Janeiro de 1914 — NUMERO 304

O DEMOCRATA

(AVENÇA)

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

Ano (Portugal e colónias) . . . . 1$20
Semestre $60
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte . . 2$50
Avulso $02
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO

Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

Ingloria jornada

—=(*)=—

A vinda de Antonio José de Almeida, a Aveiro, no passado domingo, deixou em tòdas as almas dos seus antigos companheiros de luta pela causa da Republica, uma funda impressão de tristeza e desconsolo.

Porque outro não podia ser o sentimento ao vel-o entre a multidão que, curiosamente, se aglomerava á sua passagem, sem que um brado de entusiasmo se ouvisse, sem que um braço se erguesse para o saudar, como nos tempos idos em que ele era como a encarnação da alma portuguêsa na sua ancia revolucionária.

É, por entre a nevoa dessa tristeza, á nossa memoria veio a recordação inolvidavel de quando em cada peito republicano ele tinha um escudo para o defender, em cada coração um altar para o glorificar e em cada labio um grito fremente de revolta para bem alto fazer ouvir o sen nome, que era como o simbolo duma aspiração redentora.

Então ele passava e, institivamente, os braços se erguiam num gesto, ou comovido de benção ou levantados ao céu numa apoteose de vitoria, porque ele era—o triunfador. Agora, que a Republica gloriosa se implantou, eles caem inertes porque, quando ele passa, é como um vencido, levado na onda dos inimigos de outr'ora.

As rajadas da sua eloquencia demolidora, que ateava o fogo sagrado da nossa crença, hoje deixam-nos impassiveis, vendo que nelas não existe já a fé sublimada dum homem num ideal de libertação e as suas palavras chegam-nos aos ouvidos como um éco indistinto que não faz vibrar o nosso sentimento, como se lhe faltasse o timbre formidavel da sinceridade que era a sua maior força na propaganda dos imortaes principios republicanos.

Então, bastava o seu nome para que todos os que sofriam as prepotencias e as injustiças dum regimen odiado acorressem a retemperar a alma ao calor da sua fé ardente; hoje quasi só vemos no seu respeito aqueles que o amaldiçoavam por ousar perturbal-os na farta digestão dos regabofes monarquicos.

Ha, cértamente, em muitos homens, regressões que espantam, mas se taes homens não consubstanciam em si como que a aspiração de muitos corações, elas passam despercebidas porque não vem afrontar as nossas ideias; mas quando nos habituâmos a vêr nesses homens, como que as imagens mais engrandecidas, mais cheias de luz das nossas proprias aspirações é como se nos arrancassem um pedaço do que temos de mais puro, de mais belo, de mais santo—o nosso ideal—ao vêr que, iludindo a nossa fé, eles diminuem de grandeza dentro da nossa alma.

Taes homens não tem direito a recuar um passo só que seja no caminho que as suas ideias iluminaram e até onde arrastaram aqueles que ao som profectico da sua dôr o foram acompanhando, porque, desde esse momento não se pertencem a si mesmos, pois que a sua vontade é como a integração de mil vontades obscuras que foram levadas na sua orbita luminosa e que lhe cederam a propria força para despertar nas multidões o instinto da revolta contra todos os despotismos.

E se os vemos recuar um só instante, se os vemos transigir com os que ainda ha pouco eram seus declarados inimigos, sentimos como que abalada a nossa fé, senão nos principios que defendemos, pelo menos na sinceridade dos homens que os simbolisavam.

Tal é o caso de agora em que não foi o antigo e austero lutador do tempo da propaganda republicana que fomos ouvir, mas o politico maleavel que sabe amoldar as suas ideias ás conveniencias partidarias dum acanhado sectarismo.

E, ouvindo-o, nós tivémos a impressão de que o chefe politico Antonio José de Almeida andava a demolir a obra colossal que o tribuno do mesmo nome construira, dando-lhe o entusiasmo da sua crença, a luz da sua fé, a vida da sua alma de revoltado.

Nós tambem queremos que a Republica seja para todos os portuguêses dignos desse nome, mas o que pretendemos é que eles subam até nós a receber irradiação do nosso ideal de Liberdade emancipadora e não que nós desçâmos até eles para nos inocularem a maleabilidade de caracter, o servilismo de escravisados contritos, que era a melhor recomendação do passado regimen.

A Republica ou, antes, os govêrnos republicanos tem cometido erros? E' possivel; não o contestâmos. Mas o que todos devemos fazer é procurar remedial-os com a serena energia dos fortes, com a dedicação acrisolada em vinte anos de luta, contribuindo com desinteressado esforço para a completa regeneração da Patria portuguêsa.

E o que vimos nós aí? Acusações sem provas, insinuações vagas, o ridiculo caso do famigerado Homero elevado á categoría de grande acontecimento, variados e futeis pretextos, á falta de motivos para fazer uma oposição franca e serena, que, muito embora fôssem agradaveis de ouvir pela sua fórma oratoria, deixavam mal ferida a logica pela inconsequencia das ideias.

Verba et voces, prœterea que nihil—palavras, palavras, nada mais, como já dizia Ovidio, o grande poeta latino.

Palavras, que se a nós nos deixaram a desconsoladora tristeza dos que fôram seus antigos e leais, embora obscuros, companheiros de luta, aos seus neo-correligionários deixaram a impressão de que o chefe era apenas o *painel* do seu partido, *cartaz* já desbotado pelo tempo, como lhe chamou um dos seus mais devotados caudilhos déstas redondesas.

Jornada ingloria, lhe chamâmos nós, e na verdade bem ingloria para os velhos republicanos e para os neofitos do Evolucionismo, foi esse dia de que resultou apenas algum tempo perdido, pois que não são as figuras de retorica que hão-de crear nova e vivificadora seiva á Patria portuguêsa, na sua evolução de nacionalidade livre e independente.

Fusão de partidos?

—=(*)=—

Tem-se falado ultimamente muito numa *entente* entre os dois partidos—unionista e evolucionista—que terá por fim a sua transformação num só agrupamento chefiado pelo sr. dr. Duarte Leite.

O que ha de verdade a este respeito não o sabemos nós, que vivemos longe dos bastidores da politica, mas pelo pouco que ouvimos ao sr. Antonio José de Almeida durante a sua conferencia de domingo no teatro e ainda pelo *ala-miré* que nos dão os jornaes melhor informados, concluimos que alguma coisa se trama entre as oposições contra o govêrno, pelo visto o seu constante cabrion e interminavel pesadêlo.

Pois arrangem lá isso.

Mas não se queixem se porventura o país, que tantas provas tem dado de tolerancia deante dos que sistematicamente persistem em pôr entraves á acção fecunda do ministério Afonso Costa, um dia lhes fizer sentir até que ponto, com o seu procedimento, desprestigiam a Republica concorrendo para o mal estar da nação em vez de auxiliarem quem por ela tanto se tem sacrificado.

Fundam-se muito embora. Mas basta de confusão que já é tempo de encarar a sério o problema que aos republicanos deve merecer o maximo cuidado e ao qual o govêrno vem dedicando patrioticamente a sua atenção desde as primeiras horas que subiu ao poder—o problema nacional.

Essa, não nos cançaremos de o proclamar, é que é a unica politica que deve convir, a todos mas muito principalmente á Republica que com ela se dignificará.

O vôo das aves

O sr. João de Lemos matou ha dias, no canal de S. Roque, de esta cidade, uma gaivota que trazia numa perna uma anilha de estanho, com os seguintes dizeres: *Vogel Warte—Rossitten Germania 18527 E.*

De tão longe veiu a pobre ave morrer aqui.

... e 3, 15

Com o aplauso da *Soberania do Povo*, orgão, em Agueda, da conhecida familia Mélo e do exilado rei Manuel, que a transcreve, publicou o *Intransigente* um artigo com a rubrica de Machado Santos onde vem a seguinte passagem:

«O ano que vae já no seu segundo dia, é, como se sabe, o de 1914 da era cristã. Ora o numero 1, mais o numero 9, mais o numero 1 e mais o numero 4, somados, dão o numero 15, que entre nós, portuguêses, é vulgarmente uzado quando na intimidade de amigos somos postos ao facto de algum caso que nos desgosta, de algum acontecimento que nos arrelia.
... e 3, 15.

Comentários da *Soberania*:

Perfeitamente. Para a republica, sim?

Não; o melhor é os dois colégas dividirem a coisa entre si...

Por causa das arrelias...

O FRIO

Tem continuado intensissimo por estes famosos dias de inverno que temos atravessado, não havendo memoria de tão sensivel abaixamento de temperatura nésta cidade.

Em alguns pontos o sol não chega a derreter a neve durante o dia pelo que grossas camadas se tem acumulado tornando-se de forte resistencia.

No tanque do jardim, por exempio, o gelo já chegou a atingir tres centimetros de espessura!

E' de mais.

ALFIM!

O sr. Antonio José de Almeida em Aveiro

Como foi recebido o chefe evolucionista -- Na estação do caminho de ferro, atravez a cidade e no Centro -- Um conflito -- A conferencia no Teatro Aveirense e o banquête

Pois é verdade. O sr. Antonio José de Almeida sempre se resolveu a vir a Aveiro escolhendo para isso o dia de domingo ultimo, por sinal um dia de sol acariciador egual a tantos outros com que na presente quadra de inverno temos sido mimoseados.

Eram cêrca de 13 horas quando o *rapido* de Lisboa, em que s. ex.ª viajava, chegou á estação do caminho de ferro em cuja *gare* era aguardado por avultado numero de pessoas, na sua maior parte extranhas a esta cidade, pois só assim os evolucionistas de Aveiro poderiam encobrir, como encobriram, a sua insignificancia.

Desembarcou o sr. dr. Antonio José de Almeida entre palmas e vivas dos seus amigos e entrando logo num *faeton* que cá fóra o esperava, aí recebeu os cumprimentos de alguns correligionários emquanto duas bandas de musica executavam a *Portuguêsa* e no ar estralejavam algumas girandolas de foguetes seguidas de salvas de morteiros.

O chefe evolucionista vinha acompanhado desde o entroncamento da Pampilhosa pelos srs. Albano Coutinho, senador, deputado Silva Gouveia, dr. Figueiredo Sobrinho, tenentes Gomes Teixeira e Costa Cabral, dr. André dos Reis, Jaime Coelho, dr. Alvaro Machado e outros que não pudémos apontar e que, tomando os carros que lhes estavam destinados, acompanharam até ao Centro de que é patrono o sr. dr. Antonio José que nem por vir metido entre as duas bandas de musica e rodeado por um grupo de correligionários que a cada passo o vitoriávam, não póde dizer, com verdade, que Aveiro o recebeu triunfantemente. Não. Aveiro limitou-se, hospitaleiro, como é, á simples cortezia a que todos os hospedes, pelo menos, teem direito, convindo desde já dizer, sem receio de desmentido, que só uma duzia de republicanos désta terra homenageou o sr. Antonio José de Almeida embora alguns outros cidadãos lhe fossem apresentados com esse rotulo, indevidamente, por se tratar de autenticos reaccionários, inimigos figadáes da Republica que só servem para a comprometer, como a cambada da Vera-Cruz, e aos partidos em que se acham filiados por calculo, que não pelas suas convicções.

Mas deixemos um pouco os comentários e narremos o resto. O sr. dr. Antonio José de Almeida chegou ao Centro, que fica situado na rua do Cáes, paredes meias com o *Club dos Galitos,* e aí recebeu os cumprimentos de boas vindas dadas pelo sr. tenente Gomes Teixeira, ao qual agradeceu em bréves palavras o recem-chegado, que de seguida se dirige á varanda do edificio para mostrar o seu reconhecimento aos amigos que o acompanharam.

Foi pouco mais ou menos nêste momento que do meio do grupo estacionário na rua partiu um viva ao sr. dr. Afonso Costa, o bastante para ocasionar logo troca de bengaladas e sôcos a que a policia pôz imediatamente cobro prendendo e conduzindo ao comissariado o cidadão Antonio Ferreira da Costa, de 31 anos, empregado comercial, natural da Fogueira, de Anadia, mas residente em Espinho e que mais se salientou na refrega. Por sua vez, á farmacia Brito era conduzido um artista désta cidade, Carlos Freitas, com um leve ferimento na cabeça, de pronto tratado sem que fôsse necessaria a intervenção medica.

Entretanto o sr. dr. Antonio José de Almeida discursáva ás massas, no fim do que começaram a ser discutidos os factos decorridos até áquela hora.

No Teatro Aveirense -- A conferencia do chefe evolucionista

A's 14 horas e meia o teatro estáva completamente cheio até mais não poder ser.

Pouco depois o sr. Antonio José de Almeida entra no palco e uma parte da assistencia recebe-o com palmas, mas estas tão pouco calorosas que logo se extinguem deixando-nos a impressão de que não se achava ali, naquele recinto, o homem que ainda ha tão pouco tempo era considerado um idolo do povo português, o verdadeiro Messias redentor da patria de Camões.

Entretanto o sr. tenente da administração militar, Gomes Teixeira, anuncía que vae falar o sr. dr. Antonio José de Almeida e propõe para presidir á sessão o deputado sr. Silva Gouveia, que, tomando o seu logar, escolhe para o secretariar os srs. Albano Coutinho e Figueiredo Sobrinho.

Repetimos: na sala, completamente apinhada, de gente, era tão insignificante o numero dos que se manifestavam com simpatía pelo chefe do partido evolucionista, que não podemos de fórma alguma deixar de classificar desde já a vinda a Aveiro do sr. Antonio José como um tremendo fiasco sem nome. E não digam que é por facciosismo politico que assim escrevemos. Se a tanto nos obrigarem, autenticadas serão as nossas palavras com a exuberante demonstração de que em nenhuma hipotese o sr. dr. Antonio José de Almeida recebería nésta cidade uma apoteose que significasse força partidária porque poucos, mui poucos são os homens de convicções que á volta do seu nome se agrupam. E posto isto entremos propriamente na conferencia do chefe da evolução, conferencia de tres quartos de hora apenas, mas que nos deu ensejo de avaliar bem a transformação porque passou nos ultimos tempos o idolo adorado do povo a quem os reaccionários cércam manhosamente, calculando um triunfo que sería a queda da propria Republica se porventura qualquer govêrno com eles transigisse.

Começou o sr. Antonio José de Almeida por agradecer a todas as pessoas a sua presença no logar em que pela vez primeira vinha falar assim como a fórma lhana e fidalga como foi recebido pelos habitantes désta cidade, onde tem amigos e conta adversários.

Não se preocupa com retumbantes e reluzentes recéções; o que não deseja é que as suas palavras de propaganda e de fé sejam estereis, lançadas em terreno ingrato porque para ele isso sería então profundamente desolador.

Ha aqui um largo e profundo interesse pela Republica mantido por todos quantos por esse principio lutaram e ai dela se lhe faltassem os elementos indispensaveis á sua existencia, que morreria como a flor, ao calix da qual faltasse o orvalho e todas as propriedades de vida.

Mas apesar dessa hipotese, a monarquia sería absolutamente impossivel.

Foi-lhe algum publico hostil quando advogou a amnistia como um bem para a Republica que continua vivendo entre uma agonia fatal, debatendo-se com uma situação dificil e gràve se a grande massa do povo português continuar abstendo-se de intervir no que é preciso absolutamente purificar.

Sabe que estão a ouvil-o amigos e adversários e é por isso que entende que é preciso dar-se o choque de opiniões para que dele resulte fazer-se a cristalisação da Republica, que foi feita para toda a nação, para todos os portuguêses. Correspondendo aos afétos duns e á oposição doutros, ele sente que lhe é imposta a obrigação de falar ainda que rudemente, sendo claro e positivo.

O país passa a hora mais gràve e mais perigosa até para a sua existencia nacional. Fala como o mais modesto cidadão, mas é cérto tambem que fala no que afinal todos sabem e sobejamante conhecem. Mas quanto diz é sómente para o engrandecimento da sua Patria a quem desde 5 de Outubro vae faltando a soberba grandeza da sua força moral, que está hoje absolutamente exausta.

Se é facto termos Republica não é menos verdade que é preciso cercal-a de todo o prestigio, de toda a grandeza inerente ao principio. O nosso prestigio no estrangeiro não é bastante para nos dar lustre nem provocar invejas. A imprensa lá de fóra publíca notas e diz cousas que andam á roda da triste verdade dos factos, e é preciso não esquecer que a força bruta em todos os tempos se impoz como argumento e não seremos nós como um pequeno povo sem exercito, sem marinha, sem apetrechos de defêsa de qualquer especie que nos possâmos opôr á dura fatalidade do acaso.

Vem como presidente da Junta Central do Partido Evolucionista, mas por de traz dessa modesta personalidades ha alguma cousa mais: ha a alma dum patriota. Por isso julga um dever todos se integrarem dentro da Republica animados do bom desejo de a servirem. Ele não procurará crear clientélas, não dará abraços, nem apertos de mão para arranjar votos, não batendo no balcão do seu partido politico, em troca de favores, qualquer outro, por isso mesmo que só os receberão quem a eles tiver direito, ou amigo ou adversário.

Um encargo da sua missão é dizer a todos que a monarquia não volta, mas que se a Republica não convem a muita gente a culpa é dessa mesma gente que se mete em casa e tudo abandona. *(Aplausos).*

São tres os partidos em que está dividida a Republica. Se ele está á frente dum foi depois de o apontarem como um réprobo e se está hoje áparte desfraldando o estandarte do evolucionismo é porque o apuparam nas ruas de Lisboa por ele, na Câmara, ter evitado com a sua palavra que fosse por deante a ignominia da confiscação dos bens aos conspiradores. (*Aplausos dos reaccionários).*

Todos os velhos republicanos, todos quantos mais sofreram durante o largo tempo de luta e de trabalho estão dentro do partido evolucionista.

Em Algés lançou um répto para que o chefe do govêrno se fôsse embora afim de salvar a Republica.

Como uma natural consequencia da

sua orientação e resultado dos seus esforços êle tem sido republicano toda a sua vida.

Não como um calculo antecipadamente feito, mas como o indistrutivel desejo e unica ambição de servir o seu país, para que este Portugal resurja grande e respeitado no logar que lhe compete. E tem visto realisadas muitas das suas previsões e consumadas várias das suas profecias.

A situação politica do país não é só a vida junto da nossa porta, é tambem aquéla que se prende com o nosso grande e invejavel patrimonio colonial. E tudo isso está máu, gravemente mal, mesmo.

Esta aparente tranquilidade encobre um mal estar latente, profundo. Em todo este movimento que observamos do comboio que parte, do trem que passa, da transação que se ultima, de tudo quanto se nos antolha sereno e regular, encobre o quer que seja de gràve e receioso.

E' como o torax do cardiaco que se dilata pela respiração, na aparencia regular e precisa, mas que, cingindo-se-lhe o ouvido, se denuncia o pavor dos estragos no coração.

Assim, apezar désta tranquilidade aparente, não escapa á mais leve observação o que por baixo do seb-solo se passa de tremendas prespectivas e pavorosos receios.

E' a anunciada gréve dos ferro-viarios, com as suas consequencias perturbadoras; uma nova conspiração da qual se lançam os primeiros fios; são as reuniões dos elementos avançados preparando as suas reivindicações e todavia tudo isto decorre numa aparente segurança de tranquilidade, quando é certo que se aproximam as tristes consequencias de todo este turbilhão que nos envolve e esmaga. E no entanto disse-se que o ministério atual era de acalmação!

Todavia as rebeliões, as desordens, a desorganisação multiplicam-se e espalham-se por toda a parte.

Ao principio afirmou-se que no govêrno existia o pulso de bronze capaz de tudo sufocar, mas sufocando, lançava a semente perniciosa e má da sua propria obra, e agora até se afirma que os homens da situação fabricam conspirações nos seus gabinetes!

Hei-de interpelar o govêrno sob êsse momentoso assunto nas primeiras horas que se sigam á abertura do Congresso e arrancar a indispensavel declaração empenhando êle a sua palavra diante de todo o país e do mundo civilisado de que é estranho a tudo que de réles e baixo nêsse personagem, que foi buscar de tempos idos um nome—esse Homero—tem dito e atribuido aos homens do govêrno.

Não, não póde ser; com tais processos teria a Republica que morrer. Não morrerá, contudo, porque se tal acontecesse êle iria cobril-a de cal virgem por não consentir que a envolvessem numa mortalha de esterco! *(Aplausos)*.

Não se póde passar uma esponja sobre o passado. Apagar da nossa historia a figura grandiosa de Nuno Alvares Pereira por não ter servido a Republica, sería uma ignominia!

A alma duma nação não se fórma num ano, em vinte anos, num seculo até.

E' necessario adaptar á alma dum povo a rigidez formidavel do caracter dêsse mesmo povo.

Todos devemos vêr que se a monarquia tem lutado é sobretudo devido ao natural e exclusivo intuito de rebelião jungida e presa aos processos do passado.

Não, não e não!

Tudo nêste momento é preciso para pôr côbro a quanto tem vindo, injusta e antipatrioticamente, sintetisar êsse mal da nação representado por os que disséram que haviam de acabar em 50 anos com todos os sentimentos religiosos do país para este só adorar então os que querem exibir-se em andores como unicos idolos, merecendo o tributo da veneração popular!

Na parte respeitante ao nosso dominio colonial, ha bem poucas horas ainda, no comboio que o conduzia, trocou impressões com dois cavalheiros profundamente conhecedores da vida naquélas paragens. Ouvira cousas alarmantes, profundamente gràves consequencia natural déssas medidas ultimamente decretadas para a nossa provincia de Angola.

A seu tempo tratará tambem do assunto. Bréve será assinado o tratado comercial entre a Inglaterra e a Alemanha. Suspeita com fundadas rasões que seremos a vitima da ambição dêsses dois povos, que hão-de intervir com o emprego de qualquer processo nos nossos destinos coloniaes, até mesmo continuando a flutuar ali a nossa bandeira.

Mas está tudo perdido? Não. O que se torna preciso é entregar a administração das provincias a quem mais alguma cousa faça do que exibir as suas fardas reluzentes em viagens com séquitos numerosos sem nada produzir.

S. Tomé, éssa uberrima ilha que além de tudo é um ponto admiravel, continua abandonada e entregue aos seus proprios recursos, joguete apenas de interesses tendenciosos, recebendo em troca, do govêrno, medidas inuteis e improficuas.

Atualmente os senhores de terrenos que naquéla ilha constituem fazendas ricas e ferteis, que eram a garantia e a fortuna dos seus possuidores, descorçoados com o abandono criminoso a que foram votados os seus interesses, pretendem vendel-as por todo o preço.

A situação internacional por sua vez não nos oferece melhor aspéto.

Não fala na troca de notas diplomaticas porque as desconhece. Mas o que sabe é que hoje está todo o mundo olhando-nos e os jornaes de vários países que foram abertamente nossos amigos, referem-se-nos agora indiferentes os seus escritos manifestamente duvidosos.

E' uma logica e natural consequencia de confundirem o govêrno nos seus actos, com a Republica na sua indole. O govêrno provisorio não provocou com qualquer medida a reacção e o desgosto de ninguem, porque fez uma obra toda fecunda e generosa. O ponto estava em que lisamente se continuasse éssa obra. Mas não sucede assim. O ministério está fazendo um govêrno turculento e faccioso querendo assim desacreditar, com esses processos a Republica. *(Palmas dos reaccionários)*.

RECENSEAMENTO ELEITORAL

Lembrâmos a todos os nossos amigos, maiores de 21 anos ou que complétem esta idade até 30 de Junho proximo, a conveniencia de se inscreverem nos cadernos eleitoraes das freguezias onde tenham fixa a sua residencia para o que basta fazerem um requerimento ao secretário da câmara, a que juntarão certidão de idade e atestado em que próvem residir no concelho ha seis mezes, pelo menos.

O praso fixado na lei para esta primeira operação é de 2 de Janeiro a 20 do mesmo mez, inclusivé.

No escritório do *Democrata* prestam-se todos os esclarecimentos a quem dêles carecer para o fim indicado.

Para éssa Republica, que por toda a parte fôra aceite, e que a população da vila mais pequena a olhava com carinho, quasi ternura, pronta a tudo dar para a sua defêsa, mas sómente querendo o respeito pelas suas crenças!

Apareceram então os famosos carbonarios, quatro, cinco, aludindo ás bombas de dinamite que em casa possuiam, em ameaças de tudo distruirem, dominando e submetendo a população receiosa e assustada, que fói afinal a responsavel de toda a culpa porque bastaria um puchão de orelhas para meter na ordem os terriveis carbonarios! *(Risos e aplausos)*.

Por quanto vae por aí póde ele referir com o seu testemunho: vitima de arruaças no Porto e em Vizeu corrido á pedra, com risco da propria vida. Perguntar-lhe-ão porque ele não cruza os braços procurando, na tranquilidade, o afastamento de taes contingencias. Não faz isso porque tem ao menos a coragem das suas convicções e quer dar a todo o custo a esta Patria toda a serenidade de que precisa, junta com a paz que lhe é devida.

E por isso lhe chamam poeta, romantico e lunatico...

Geralmente o espirito do publico português deseja que os outros lhe façam o que ele precisa. Neste momento estamos todos como na vespera do Natal com a sorte grande... Todos os evolucionistas esperam a sorte grande mas não a pódem obter porque devidamente a ela se não habilitam!

O que se está passando é a ditadura mais réles e mais chinfrim que se póde observar. *(Sussurro)*.

Compreende-se Danton atirando á face do mundo aterrorisado com a cabeça ensanguentada dum rei; Robespierre abotoando serenamente a sua casaca e mandando os seus amigos para a guilhotina, com que mais tarde ambos se tivéram de defrontar como responsaveis dos seus actos, que não renegaram.

Tudo isto era o estremeção formidavel da grande revolução que produziu estas ditaduras que tem um fundo pavoroso de horror, mas que se compreendem, que se justificam.

Mas então eu sou *talassa* e ameaçam-me com o candieiro mais proximo porque condeno e combato esta vergonhosa ditadura?

E' mau falar contra republicanos, dirão. Sería justa essa observação mas o que não póde ser é que 4000 homens, se tanto, mintam, falseando, quanto todos nós durante tão largo tempo andamos a prometer ao povo honra, pão, trabalho, para agora nada lhe darmos! *(Aplausos)*.

Não pude, contudo, deixar de cumprir o meu dever de bom patriota permitindo todo o socego ao govêrno para assim lhe dar tempo a que ele produzisse o que podia fazer e não fizésse o que não podia.

Por isso, se hoje tivésse de voltar á acção do passado, estava habilitado a dizer, sem receio, o mesmo doutros tempos.

Fazer nessa data oposição no parlamento seria uma catastrofe, ainda que no govêrno domine esse homem, que é o seu inimigo terrivel.

A quantos repararam nessa atitude respondeu que não tinha inimigos pessoaes dentro da Republica; não sabe se o sr. presidente do govêrno faz perseguições a ele, orador; o que sabe é que os evolucionistas nesse momento não faziam guerra truculenta ao govêrno, por anti-patriotica, embora o patriotismo do sr. presidente do conselho lhe permita estar cercado de republicanos da ultima hora, dos que esperaram o 5 de Outubro para se manifestarem!!

Conheço os homens, exclama o orador, e não queria fornecer ensejo para que se argumentasse com a politica da oposição, apontando-a como a causa com que se defendesse a improdutiva e inutil obra do govêrno.

E assim, passados oito ou dez mezes, hade apresentar-se francamente, dizendo—*aqui estou!*—e provar que tudo está no mesmo pé, sem que o país nada lucrasse ou obtivésse de toda a obra governativa feita, envolta na paz mais compléta.

A violencia exige a violencia.

Tomou o ministério conta dos selos do Estado e diz agora que não deixará ir ao Parlamento nas proximas eleições, nenhum representante dos dois partidos que têm reconhecida a sua existencia politica.

Isso será um acto de monstruosa ditadura que exigirá uma resposta condigna.

Quando os govêrnos mergulham o pé na violencia e no gràve desrespeito pela lei, os homens, amantes e respeitadores da liberdade e das garantias populares, lançam-se na conflagração redentora da revolução e procuram nela o triunfo da sua causa ultrajada por quantos, recorrendo á desordem, á violencia e ao insulto, só nesses procéssos encontram elementos de vida.

E' preciso fazer congregar todos os elementos republicanisados após 5 de Outubro, dos quaes alguns bem mais valem do que muitos que diziam defender esse principio antes daquela data. *(Apoiados)*.

E' preciso que todos se unam para opôr-se a essa louca e vertiginosa cavalgada da orientação do govêrno que póde apagar até a existencia nacional. *(Risos de alguns espectadores)*.

As oposições entendem-se para esse fim. Não é assunto que exclusivamente seja tratado nos gabinetes de qualquer, atenta a sua complexidade e o numero de interesses que por várias circunstancias tem de ser ouvidos. O que se torna indispensavel é que, feito o blóco, se deite abaixo êste govêrno e para isso é preciso que todos os homens se apressem a dar a sua adesão á Republica, engrossando êsse partido a quem cabe tão patriotico dever. *(Apoiados dos reaccionários.)*

Tres caminhos estão claramente abertos aos republicanos. Os que quizérem a harmonia, o progresso material e moral da nação, a paz necessaria marchando ao lado da liberdade insofismavel para que á sombra déla progrida o trabalho nacional em todas as suas manifestações, conhecem qual devem seguir, que é engrossar com a sua adesão o partido evolucionista. Ir para o rei Manuel juntar-se aos homens que, desinteressados absolutamente dos gràves problemas da existencia nacional, se contentaram apenas em cercar o seu rei reaccionário, o rei do jesuitismo, e não tivéram um gesto, uma arremetida para defender o velho trono da revolução republicana!

Porque é bom, cidadãos,—exclama o orador num fogoso repto de oratoria—não confundir a crença santificada e pura, onde se aninham tantas ilusões e onde revive tanta esperança, acalentando principios inabalaveis de fé que só a morte gélida aniquila e desfaz, sentimentos que representam a consciencia de cada um, com a refalsada hipocrisia e avariada crença—que é a negação completa de toda a pureza da sentimentalidade religiosa e humana—como faz o jesuita! *(Muitos apoiados e palmas dos democraticos.)*

Faz êle, orador, aquélas afirmações tão insuspeitas como sincéras proferidas por um livre pensador intransigente, inabalavel como êle é.

Por isso sempre bradará guerra ao jesuitismo, ao clericalismo, á reacção seja como fôr que éla se apresente para acabar com a luz verdadeira déssa não menos verdadeira crença, substituindo-a por a dêles, que é uma mistificação repugnante empregada apenas para a grandeza do seu poderio, conseguido em troca da fraqueza das almas puras e sãs! *(Aplausos.)*

Em terceiro logar temos êsse partido a que chamam avançado, mas que não é democratico, para o que não ha direito, lei, regalias. *(Sussurro.)*

Admira-se do silencio da sala na presença das suas afirmações. Não lhe passa desapercebida éssa atitude. Não póde deixar, contudo, de dizer o que sente corroborado infelizmente pela dura realidade dos factos. O mal estar é crescente, manifestando-se já no exercito desgostoso e contrariado assim como na marinha que esboça, sem receios, o seu desasocego. *(Risos)*.

Quando no Parlamento falou e pediu a amnistia para os presos politicos choveram sobre êle todas as maldições.

Mas na vespera do acto eleitoral apareceu o indulto e afetando-se absolutas intransigencias no deferimento de várias petições, concederam-se creditos, autorisaram-se estradas, crearam-se escolas sem intenção, é claro—diz o orador ironicamente—de fazer politica ou continuar os processos de tempos idos...

Vão para êsse partido que só pretende dominar pela astucia, pelo artificio e pela violencia não reconhecendo aos outros o direito da propaganda nem da liberdade dentro désta Patria que é de nós todos!

Vão para êsse partido que fez da carbonaria o seu primeiro sustentaculo e que impudentemente alimenta a *formiga branca*, éssa vergonha, éssa miseria que pretende minar todas as garantias da lei e da liberdade. *(Aplausos dos reaccionários.)*

O futuro pertence ao partido, sereno de consciencia, que quizér dar á Republica toda a segura orientação da verdadeira democracia.

Ha tempos recebeu cartas de muitos amigos que lhe notaram o perigo do seu procedimento em frente do govêrno.

Chegaram-lhe a dizer que, perdido o apoio dos elementos avançados, êle, orador, queria agora perder a confiança dos elementos conservadores. Respondeu invariavelmente que acima de tudo punha os interesses da Patria e que outra atitude diferente daquéla não manteria, para corresponder aos seus unicos intentos de desinteressado patriota.

Assim, o partido democratico ha-de beijar a arena e, então, depois do purificado dos seus erros, talvez possa enfileirar entre os que querem servir leal. patriotica e decididamente a nação, *(Risos)*.

O outro, o monarquico, é uma familia representando uma ideia que morreu, absolutamente incapaz dum gesto, que não têve, para se defender na hora suprema da sua expiação, fugindo envolto na mais miseravel das covardias, o mais distinto ornamento de toda a sua existencia.

Que venham para cá, para nós, cheios de fé e de vontade tantos quantos pretendam, desinteressadamente, servir a Republica, servir a Patria.

O partido evolucionista não faz favores que representem injustiças, não tem preferencias que signifiquem ofensas. O que de direito fôr reconhecel-o-á a amigos e a inimigos.

O que pretendo, o que quero—exclama o orador com veemencia—é que se o meu partido tivér que morrer, morra abraçado á sua bandeira impoluta, de olhos na estrela que sempre fitou animado pela magnanimidade dos seus desejos, pelos interresses da Patria!

Aquêles que o quizérem animar, ajudando-o a redimir a Patria, que venham para ele de coração lavado.

Ha oito anos, junto da estatua de José Estevam, proferi as palavras que vou repetir.

Disse então:—*tenho a minha alma hipotecada aos interesses da Patria;* a éla eá liberdade ofereço quanto sofri, os sacrificios passados.; que perante a sua consciencia se conheceu dignificado, e que agora mais do que nunca está pronto ainda a maiores sacrificios que lhe possam ser impostos porque a Liberdade é a mais bela garantia de todos os homens, ainda que o tenha sido muitas vezes calcada pelas botas de tiranos, até dos que, esquecendo-a e aviltando-a, serviram, sem conhecerem talvez o significado da palavra, a morta monarquia portuguêsa.

Nésta altura o sr. Antonio José de Almeida dá por findo o seu discurso recolhendo-se a bastidores enquanto a multidão se precipita para as portas do teatro, que em pouco se despeja.

Manifestações? Como haviam élas de ter logar se a sermonéca do chefe evolucionista foi um verdadeiro désconchavo?

* * *

A' noite realizou-se em honra do sr. Antonio José de Almeida um banquête em que até tomou parte, como correligionario politico de sua ex.ª, o sacristão da Ordem Terceira de S. Francisco!

Dizem-nos que houve muita animação, brindando no fim os srs. tenente Gomes Teixeira, dr. André Reis, tenente Costa Cabral, dr. Antonio Granjo, dr. Abilio Napoles, Albano Coutinho, dr. Rodrigo de Castro, Alfredo Sá Pereira e dr. Antonio José de Almeida.

A's 22 horas tudo estava terminado indo cada qual para sua casa e o sr. Antonio José, no dia seguinte, para Lisboa a continuar os seus trabalhos de paz, de conciliação e de concordia entre a familia republicana...

Ao *Democrata* resta agradecer, devéras reconhecido, o cartão para a conferencia com que o Centro Evolucionista o distinguiu.

PELA IMPRENSA

—(*)—

Conta mais um ano de existencia o nosso coléga de Anadia, *Bairrada Livre*, cuja dedicação á causa republicana vem desde o primeiro numero que viu a luz da publicidade sob a direcção do nosso amigo Cipriano Simões Alegre.

E' a *Bairrada Livre* um dos melhores jornaes do distrito de Aveiro e que mais se tem salientado na defêsa dos principios democraticos pelo que com intimo regosijo o felicitâmos enviando daqui ao seu director um cordeal abraço.

=Tambem em Montemór-o-Novo acaba de entrar no seu 13.º ano a *Democracia do Sul*, semanário que o sr. Eduardo Geraldo vem derigindo proficientemente.

Velho no combate pelo ideal republicano em que por vezes nos temos irmanado, o *Democrata* sauda-o consignando a todo o seu corpo redactorial muitos parabens e largas prosperidades.

=O *Imparcial*, de Pombal, deu-nos a honra de transcrever e nosso artigo da passada semana intitulado 1913-1914.

Agradecemos.

A desordem

E' preciso esclarecer que a origem do conflito travado em frente da casa onde o sr. dr. Antonio José de Almeida foi recebido após a sua chegada, está na agressão, á bengalada, com que alguns intransigentes admiradores do evolucionismo, que de fóra aí vieram, entenderam dever responder a uns vivas que um grupo ergui ao sr. dr. Afonso Costa e ao partido republicano.

Mas foi tal a furia, que nem pouparam os correligionarios cá do burgo, que tambem apanharam a sua conta, tudo em louvor, já se sabe, do santo do dia.

Não houve, portanto, grito nenhum ofensivo, pois um viva, seja a quem fôr, não agrava ninguem.

Os taes pimpões, que eram até portadores de pistolas, como se verificou na policia, o que queriam era molhar a sopa e armarem depois em... martires.

Pobrecitos!...

Desvario politico

—=—

O artigo que vae lêr-se pertence á *Folha do Norte*, importante jornal que se publíca no Pará e que, com toda a justiça, se ocupa da politica do nosso país.

Só é incapaz de o apreciar quem fôr profundamente inimigo da Verdade. Mas em todo o caso reproduzimol-o como um dos melhores que tem aparecido na imprensa extrangeira.

E' com bem legitimo sentimento de tristeza que nós, os brazileiros, tomâmos conhecimento dos factos lamentaveis que se estão desenrolando em Portugal.

A tranquilidade do país irmão é um pouco a nossa tranquilidade, porque não podemos deixar de experimentar as mesmas alegrias ou as mesmas amarguras que abalam a alma portuguêsa, tão unida á nossa por ligações afectivas, que cada vez—e por felicidade comum—se consolidam mais.

O que surpreende é que, a cada um dos movimentos armados que ali se operam, com o animo de restabelecer o realismo, se agreguem elementos aos quaes o dever de solidariedade á obra da proclamação do novo regimen vedaría a interferencia nos factos subversivos. Isto não quer, entretanto, dizer que a conquista democratica esteja ameaçada nos seus fundamentos. Muito pelo contrario, éla se vae tornando mais firme e não tem senão a lucrar com a deserção dos que, fingidamente republicanos, tendo sido apenas arrastados na onda da revolução, se manifestam saudosos da fórma de govêrno decaída e passam a servil-o, não descingindo a espada que lhes conservou a Republica, porque preferem ser traídores na sombra a revelarem-se sebastianistas de cabeça levantada. A observação dos factos mostra, todavia, que o ardor belicoso dos primeiros movimentos não é já o mesmo e que ha cansaço ou fraqueza visivel nas ultimas tentativas de restauração. A' intensidade das primitivas investidas sucede a debilidade na acção, que indica fadiga ou desesperança por parte daquêles que, pondo-se ao dispôr das aspirações de uma familia, cavam sem piedade o aniquilamento da Patria, estimulando até o desvario, nos peitos verdadeiramente republicanos, a defêsa das instituições.

Este fenomeno acentua-se á medida que o tempo vae decorrendo. Ha leviandade em supôr-se que a volta da monarquia traria qualquer beneficio a Portugal. As luctas se desencadeariam como tempestades sem remissão de bonança, e quando, por fim, um dos contendores pudésse vencer,—se chegasse a vencer—teria que desfraldar a sua bandeira triumfante sobre ruinas.

Ora, não são portuguezes os que desejam a *debâcle* da Patria em que nasceram.

Esta insania não póde ser o alvo das parcialidades inimistadas; mas se lhes dissérmos que de tudo será capaz de saír o esfacelo e a morte, que não desejam, para a terra de seu berço, qual é o sentimento que lhes brota da alma? O do prazer déssa dilaceração de uma nacionalidade, forte e invencivel, porque coésa e unida?

Não, não é isto que os portuguezes visionam nas suas competições estereis, em que muito sangue se tem derramado e muito tempo se ha perdido. Não é possivel que só por capricho continuem numa lucta fratricida que compromete o trabalho da remodelação de uma Patria nova, nos ideaes e nas aspirações. A monarquia está sendo, lentamente, mas fatalmente, um regimen proscrito do cenario politico do mundo. Na propria Inglaterra a palavra já desperta curiosidade, já provoca entusiasmo em alguns espiritos. A restauração da dinastia nunca seria em Portugal, como não foi na França, uma aspiração da consciencia universal. Esta tende á liberdade, e a monarquia é a servidão de todos em proveito de um; a monarquia é o dominio de um homem, que não é, ordinariamente, o melhor, o mais puro, o mais patriota, o mais são, sobre os interesses geraes da sociedade, de que se constitue, muitas vezes, o elemento de desagregação. Nas democracias, os homens passam; nas monarquias, permanecem nas sucessivas reencarnações do mesmo tronco dinastico, e, por força de atavismo, de educação, da influencia do meio, as tendencias viciosas mantém-se como bacilos num caldo de cultura. Por tudo isto, a monarquia em Portugal sería um desatino dos mais profundos, justamente porque a nação está farta dos seus erros e não a quer mais. No proprio seio daquêles que tinham por dever defendel-a até á ultima gota de sangue, no momento em que a Republica explodia dos *complots* secretos, o recúo de covardia foi geral. A começar pelo rei, ninguem pensou noutra coisa senão em fugir. Voltar, agora, é tarde. E retroceder para que? Para implantar a desordem? Para encher as ruas de corpos mutilados? Para destruir? Para levantar com alicerces, que estão pôdres, com materiaes, que se desfazem, com operarios que se sacrificam, não já por sinceridade, mas por capricho malfazejo, um velho edificio á sombra do qual se abrigaria um pobre moço, que, se por alguma coisa tem a louvar a Deus, não é senão porque lhe abriram a porta da gaiola, libertando-o do jugo de um dever que lhe não sorriu nunca, senão com um riso amarelo de cadaver, aos ardores juvenis do seu temperamento, no fundo do qual o amor de raça das aventuras exige que o deixem ir para onde o queira levar o rumo de seus passos?

Toda a obstinação em tentar erguer o que caíu, porque estava pôdre, e porque não houve quem o escorasse contra o desmoronamento, na ocasião precisa em que tocava a rebate aos servidores do trono, só tem uma face, e esta maldita: a face de um atentado contra a felicidade da Patria.

Os operarios déssa empreitada estão vendo que debalde arriscam a vida. A Republica não está disposta a ceder-lhes o caminho. Os legionarios que brecharam um regimen, quando êle tinha de seu lado os canhões e os fuzís da nação, alimentam na raiz da alma a convicção irreductivel que lhes dá dobrada força na defêsa da sua obra: a convicção de que êsse é o seu dever, acima dos preconceitos da familia e acima do proprio instincto de conservação.

De que se queixam e em que se apoiam os que os combatem? O mundo, olhando de longe o labor dêsse punhado de abelhas laboriosas, desejosas de multiplicar os favos da sua colmeia, tem a visão de que está deante de uma raça que acusa nas energias os traços dos homens que nunca recuaram aos maiores perigos. As tentativas monarquistas vão-se tornando, por isso, odiosas á opinião civilisada. Esses pruridos de execravel patriotismo levantam-se contra os interessès da comunhão e não permitem que a Republica ataque, com animo sereno, os grandes problemas ligados ao seu nome. A responsabilidade toca ao sebastianismo retardatario. Decerto que nós não pretendemos escusar o novo regimen dos erros que tem cometido, mas para o resgate de todos ou de quasi todos, aí estão os precedentes na historia das nações que trocaram de fórma de govêrno. Foram os pecados da realeza as determinantes da ideia republicana. Aquéla ficou, de facto, abolida, quando se deu a catastrofe do Terreiro do Paço. Podia ter sido a rivalidade pessoal contra o dinasta o assassinio do rei; mas o tiro que custou a vida ao herdeiro dêsse rei era já o odio ao regimen que êle representava. Viu-se isto, claramente, depois, na deposição do filho mais novo do soberano assassinado e a quem de nada valeu, para salvação do trono, vacilante como se tivésse sido edificado na areia, a politica de fraternidade que êle pretendeu inaugurar sobre os cadaveres ainda quentes do pae e do irmão.

O mais que os monarquistas alcançariam, com as suas veleidades restauradoras, sería infligir a êsse reizinho tão juvenil e tão simpatico, de ar *bon enfant*, e a quem é crime impedir que goze em paz as delicadas sensações do seu *ménage* principesco, entre flocos espumantes de rendas e sêdas machucadas, o triste destino que a fatalidade reservou aos representantes de seu sangue mais ligados ao seu coração.

Esquecer, para reconstruir; reconstruir para prosperar; prosperar, para se impôr—é a grande e a imprescritivel missão de todos os portuguêses.

Pedimos aos nossos assignantes que nos avisem sempre que mudem de residencia afim de que o jornal se não extravie e portanto o não deixem de receber.

QUEM TE VIU...

—=(*)=—

Repetimol-o com a maior sinceridade: nunca imaginámos receber a dolorosa, a tristissima decéção que nos causou a conferencia politica do sr. dr. Antonio José de Almeida!

No seu discurso, chamesmo-lhe assim, tão pobre de argumentos e de verdade, s. ex.ª deu-nos a impressão profundamente apagada, semi-morta, da sua bela figura doutr'ora, da veemencia formidavel das suas palavras, ribombando como trovões prenhes de verdades inconfundiveis, de argumentos inabalaveis, sugestionando, arrastando, embriagando como o verbo inflamado e revolncionario das suas orações!

Vinham então elas do intimo da alma, aquecidas pelo fulgor do seu talento, como pedras fulgurantes e preciosas, lapidadas já na pureza imaculada de toda a verdade.

As multidões agitavam-se e de milhares de peitos, como o crepitar da lava na cratera do vulcão, erguia-se estrondosa, trovejante, formidavel o aplauso unanime e cerrado dum povo que via no seu tribuno a figura augusta e bemdita do seu salvador!

E agora? Ou só por si e pelas suas apaixonadas ambições ou por alguem, que o sugestione e domine, o sr. dr. Antonio José de Almeida, dá-nos discursos como aquele que ouvimos, apagados de todo o brilho, estrangulando a verdade onde lhe convem, adulterando, alterando a historia politica contemporanea onde precisa, com arrancos de esbatida retorica, que vagamente impressionam, resentindo-se de todos os requisitos a que devia corresponder a sua oração—que se apaga e fenece—como o leão da fabula que a doença aniquila e mata!

Nós, como todos os democraticos presentes, démos-lhe a prova provada duma das mais belas lições de cortezia ouvindo no silencio que nos impunha a boa educação e as condições da nossa estada ali, as barbaridades e os apodos injustos e menos verdadeiros que foram lançados sobre o govêrno e aqueles que julga seus adversarios politicos.

Consola-nos, e muito, não ter passado despercebido o facto a s. ex.ª.

Que sirva de lição aos seus amigos e partidarios.

Uma vergonha

—=(*)=—

Está em via de conclusão o novo frontespicio da Caixa Economica de Aveiro, que a estética e as conveniencias daquêle estabelecimento de ha muito reclamavam.

A obra é feita segundo a traça do alçado da rua de José Estevam, excéto o andar terreo, que foi ageitado á construção das retretes, ficando estas ladeadas dum pequeno jardim.

E' mestre e desenhador do *monumento*, segundo dizem, o qual vai ficando com os aleijões da célebre avenida do Loureiro, o mesmo que lhe deu a fórma e até ao fim ateimou em não atender os que a queriam mais direita.

Quasi ao meio da fachada está colocado um cordão de arame seguro a compridos ferros cravados na parede, que galgam por cima da platibanda, quando dos lados do edificio ficam duas travéssas para onde so devia desviar a tal corda do pára raios, que um raio, feito já de encomenda, devia reduzir a pó mais o autor de tão cerebrina ideia, já que a Direcção da Caixa não põe embargos a semelhante porcaria, que um trolha não autorisava.

Mas não pára aqui a fita das tolices.

O triangulo dum frontão, sempre mais ou menos elegante e magestoso, é reservado a um motivo de ornamentação que se salienta sobre todo o resto do edificio. E' uma especie de lugar de honra.

Os gregos, mestres inimitaveis, confiavam a decoração do frontão aos artistas de genio. Pois o mestre da obra, que julga saber de tudo, estampa naquêle sitio umas letras manhosas, com duas rabioscas, o que lhe dá o aspecto de um barracão de feira anunciando o espectaculo da mulher electrica, com entradas a 6 centávos por caveira!

Entendemos, perante aquéla *borracheira*, em pleno coração da cidade, que todos os que amam a arte e prezam a sua reputação de aveirenses, devem empreender uma campanha para que, quanto antes, se passe uma brocha com cal por sobre as letras e concomitantes rabioscas, ordenando a sua colocação no espaço compreendido entre a cimalha e as troças dos portais do meio. E' esta a opinião de qualquer trolha. Aí fica o alvitre e o nosso protésto.

ERROS

O sr. Antonio José de Almeida numa das passagens do seu discurso incriminou, em tom de amarga ironia, o sr. dr. Afonso Costa porque se acha cercado de correligionarios cujas convicções republicanas esperaram o 5 de Outubro para virem á supuração.

Estamos absolutamente convencidos que o chefe do partido evolucionista não conhece a folha corrida politica com a respectiva data de assentamento de praça nos arraiaes republicanos, á meia duzia de correligionarios locaes que o foram esperar. O sr. dr. Almeida devia antes da sua mordaz referencia saber desde que data vem o grande e espontaneo republicanismo dos que o cercávam e aplaudiam.

Não apontâmos nomes; mas bastará dizer que republicanos historicos, com direito a essa distinção, só vimos ao lado de s. ex.ª UMA DUZIA, se tanto, como não temos duvida em enumerar se fôr preciso.

Ora aí está...

Pêsames

Dâmol-os aos srs. João Vieira da Cunha, désta cidade e Fernando Antonio Carneiro, nosso antigo camarada de luta, residente em Lisboa, pelo falecimento, ao primeiro, dum cunhado e ao segundo duma tia por quem era estremoso.

A ambos, pois, as nossas condulencias.

Cinêma

Continuam a ter larga concorrencia as sessões cinematogaaficas do Teatro Aveirense onde ultimamente tem sido passadas fitas de verdadeira sensação como a *Protea*, *Durante a peste*, *Satanaz*, *O pae*, *Lampada da Avó* e ainda ha dias *O garoto de Paris* que o público justamente apreciou.

E' digna dos maiores louvores a direcção do teatro, que assim nos proporciona noites agradabilissimas a troco duma insignificancia, nesta terra em que tão escassos são os divertimentos mórmente depois que as procissões foram proibidas, como, com cérta malicia, nos dizia ha pouco um amigo nosso.

JUNTA GERAL DO DISTRITO DE AVEIRO

—=(*)=—

No govêrno civil instalou-se no dia 2 a Junta Geral do Distrito, comparecendo a totalidade dos procuradores eleitos.

O chefe do distrito, sr. dr. Alberto Vidal, dirigiu uma saudação a todos os membros da Junta, presentes, depois do que assumiu a presidencia da primeira sessão o sr. dr. Manuel de Oliveira Costa, procurador mais velho, servindo de secretarios os procuradores mais novos, srs. Americo Teixeira e Rui da Cunha e Costa.

Procedeu-se em seguida á apresentação de mandatos verificando-se que alguns procuradores não estavam munidos desses documentos por não lhos terem enviado, sendo no entanto reconhecidos e como os restantes proclamados.

Após a troca de várias impressões houve uma interrupção para os procuradores se prepararem para a eleição da mêsa da Junta Geral, que deu o seguinte resultado:

Presidente, dr. Antonio da Silva Carrelhas; *vice-presidente*, dr. Antonio dos Santos Sobreira; *secretário*, Rui da Cunha e Costa; *vice-secretário*, Agnelo Augusto Regala.

A mêsa eleita toma posse tratando-se desde logo da eleição da comissão executiva, em virtude da qual foram conferidos poderes para exercerem a função de membros dessa comissão aos cidadãos que passâmos a enumerar:

Efectivos

Presidente, dr. Antonio Maria da Cunha Marques da Costa; *secretário*, Arnaldo Ribeiro; *vice-secretário*, Elisio Filinto Feio; *vogaes*, dr. Samuel Tavares Maia e dr. João Elisio Sucêna.

Substitutos

Antonio Carlos Vidal, dr. João Evangelista de Quadros Sá Pereira e Melo, dr. Eugenio Sampaio Duarte, dr. Manuel José Moreira de Sá Couto e Augusto da Cunha Leitão.

A Junta resolveu por fim que a segunda sessão se realise ámanhã á mesma hora ou seja ás 13 e meia.

* * *

Eis a lista de todos os procuradores que compõem a Junta e dos concelhos por onde foram eleitos:

Aveiro

Arnaldo Ribeiro
Rui da Cunha e Costa

Ovar

Dr. Antonio dos Santos Sobreira
Dr. João Evangelista de Quadros Sá Pereira e Mélo

Mealhada

Antonio de Azevedo Pinho

Sever do Vouga

Dr. Antonio Maria da Cunha Marques da Costa

Macieira de Cambra

Agnelo Augusto Regala

Ilhavo

Dr. Samuel Tavares Maia

Vila da Feira

Vitorino Gomes de Freitas
Americo Teixeira
Dr. José Antonio Rodrigues
Manuel de Oliveira Costa
Joaquim Alves Moreira

Agueda

Dr. João Elisio Ferreira Sucêna
Dr. João Maria Simões Sucêna

Albergaria-a-Velha

Dr. Antonio Fortunato de Pinho

Castélo de Paiva

Elisio Filinto Feio

Estarreja

Dr. Joaquim José Ferreira Batista Junior
Dr. José Tavares da Silva Rebelo
Albêrto Homem Pinto da Costa Cabral

Anadia

Eugenio Augusto Sampaio Duarte

Oliveira do Bairro

Antonio de Oliveira Rocha

Arouca

Carlos de Melo Vaz Pinto

Oliveira de Azemeis

Dr. Antonio da Silva Carrelhas
Dr. Manuel José Moreira de Sá Couto
Augusto da Cunha Leitão

Vagos

Antonio Carlos Vidal

Espinho

Guilherme Dias Pinto

Sobre crenças

Um dos argumentos falsos como a propria falsidade, mas no qual o sr. dr. Antonio José de Almeida fez mais finca-pé no seu famoso discurso de domingo foi aquele que implicava com a defêsa e respeito das crenças religiosas de qualquer.

Não disse s. ex.ª de onde para elas vinha ou estava a ameaça do desrespeito e do aniquilamento.

A lei da Separação a que s. ex.ª tem o seu nome ligado estatue, como todos sabem, o maximo respeito á crença de cada um, estabelecendo a liberdade de consciencia.

Como s. ex.ª disse e bradou—porque esse é o seu sentimento—quer a guerra implacavel ao jesuita, ao clericalismo, á reacção, seja qual fôr o disfarce com que ela se apresente!

A lei da Separação estabelece precisamente esse principio.

Quem será então o ameaçador terrivel das crenças religiosas no nosso país?!

Dr. Abilio Napoles

Tivémos no domingo o gosto de abraçar nesta cidade o nosso presadissimo coléga do *Povo de Agueda*, a quem uma velha estima nos liga dêsde a propaganda republicana, dr. Abilio Napoles.

Veio o nosso amigo representar o partido evolucionista nas manifestações que ao sr. dr. Antonio José de Almeida foram feitos pelos seus correligionários de Aveiro, retirando no dia seguinte para a sua magnifica vivenda de Barrô, concelho de Agueda, em que habita a maior parte do tempo.

Por Vagos

—=(*)=—

Realisaram-se no passado domingo as eleições dos corpos gerentes da Irmandade do Senhor dos Passos. A sua realisação estava marcada para o dia 29 do mez passado, mas nesse dia os reaccionários, temendo uma inevitavel derrota, fugiram e a eleição não se poude realisar por falta de numero. Foi uma retirada covarde, mas os reaccionários atingiram o fim que desejavam. A vitoria no domingo imediato pertenceu-lhes, tendo eles empregado esse espaço de tempo em prometer, iludir e negociar votos.

Nesta terra os preconceitos, as mentiras e o fanatismo envolvem ainda o sentimento religioso, e os padres utilisaram-se ardilosamente deste facto para a consecução dos seus dessimulados designios. Foi uma eleição em que a mulher, timida e crédula, e sugestionada pelo padre, colaborou com todo o entusiasmo da sua crença inconsciente e céga. O marido, os filhos, os irmãos, os parentes obedeceram-lhe; e a nossa luta tornou-se por isso mesmo em extremo dificil em virtude de termos de combater o jesuita solérte e traiçoeiro.

Mas esta luta de alguma coisa nos serviu. Ela provou que a nação anda tentando acabar os nossos baluartes e que o padre ainda se não reconciliou com a Democracia da qual continua a ser o seu mais represaliento inimigo.

E assim o sr. administrador ficou sabendo que terá de fazer nesta terra uma politica de vigilancia e defêsa, de maneira a inutilisar as arrojadas tentativas dos reaccionários. Eles já teriam desarmado se o bando evolucionista não hovésse feito es a desastrada e nociva politica, que consiste em prometer a revisão da Lei da Separação, contra a qual vem fazendo a mais desvairada campanha.

Torna-se, portanto, necessário que a autoridade administrativa desta terra vigie o mais possivel os manejos dos evolucionistas locaes, que á excéção de dois, convictos e honéstos, o são apenas por não terem a coragem de se dizerem monarquicos. Ainda ha pouco tempo numa avinhada comezaina alguem dessa seita soltou vivas á monarquia, provando assim a verdade do aforismo latino—*In vino veritas*.

Aos verdadeiros republicanos desta terra corre-lhes o dever de fazerem a mais tenaz e inteligente propaganda dos sãos principios republicanos. Que nós somos daqueles que antes desejam a conversão consciente e sincéra de um, do que a adesão de mil obtida por promessas enganadoras e dádivas que corrompem.

O sr. administrador terá de seguir os procéssos politicos do seu digno antecessor e isso esperamos do seu republicanismo, se é que o possue.

Ha um assunto que mais do que todos deverá prender a sua atenção e tornar-se o escopo dos seus esforços:—é a questão religiosa local, que demanda solução imediata para desiludir de vez o clero indigena, que supõe poder ainda voltar ao seu antigo poderio. Para isso torna-se necessário que o prior de Sôsa declare duma vez para sempre e de maneira a não restarem duvidas, se aceita ou não a Cultual. Se ele mais uma vez declarar que a não aceita e que está disposto a contrarial-a, então deverá ser tratado como os seus colégas da freguezia de Vagos, perdendo o direito á pensão e tirando-se-lhe o arquivo. Deste modo está dada uma satisfação ao reverendo padre Ferro, que aceitou a Cultual entrando resolutamente no espirito das leis da Republica, tendo por isso sido injuriado pelos seus colégas que lhe andam movendo a guerra mais insidiosa e repugnante. Aos padres, que, como o reverendo Ferro, aceitaram a Cultual, deve evitar-se-lhes o espetaculo que infelizmente temos presenciado e que consiste em vermos alguns dos seus colégas, que se revelaram contra a Republica, tripudiarem impunemente sobre as suas leis e perseguirem acintosamente aqueles que as respeitam.

X.

NOTAS DA CARTEIRA

—=(*)=—

Compléta ámanhã um ano o primogenito do nosso amigo sr. Antonio Felizardo, diguo chefe do posto aduaneiro desta cidade.

Cumprimentando os paes da interessante creança desejâmos a esta o maximo de venturas.

= Vae melhorando dos seus encomodos, o que devéras estimâmos, o sr. Domingos Gamélas Junior.

= Regressou de Cêpos onde passaou um mez de licença que superiormente lhe fora concedida, o sr. Julio Martins de Almeida, professor da Escola Normal.

= Veio a Aveiro, com curta demora, o nosso antigo correligionário residente na capital, sr. João Ferreira.

= Tambem aqui vimos os srs. Albano Coutinho, de Mogofores; Julio dos Santos Barto, da Quinta do Picado; Claudio José Portugal, de Mamodeiro; Manuel dos Santos Silvestre, de Nariz; Antonio Ponceleão Barbosa, de Esgueira; José Lopes de Matos, de Taboeira; dr. Samuel Maia, de Ilhavo; Clemente Rodrigues Simões, de S. João de Loure; Adelino Macedo, de Amoreira; Joaquim da Silva Pires, de Malhapão e Manuel Ferreira de Campos, de Ouca.

Agradecemos a alguns destes cavalheiros a visita com que nos honraram.

= Partiu para Lisboa o novel veterinario, sr. Antonio Lebre.

= Regressou dos Olivaes a Bustos, o sr. Joaquim dos Santos.

NEM TUDO LEMBRA...

Houve puritano que deu uma sorte dos diabos por ter o *Club dos Galitos*, que fica paredes meias com o Centro Evolucionista onde o respectivo chefe foi recebido e jantou, a sua bandeira a meia haste por falecimento dum parente de determinado socio.

Compreendemos que a nota foi, na verdade, plangente; mas podia ter-se obstado o caso se isso ocorresse ás comissões.

Se tem havido tal lembrança teriam solicitado a absoluta suspensão, naquele dia, de todo o falecimento na cidade e estava afastado o precalço de ficar a bandeira a... meio pau...

Descanço nas pharmacias

Mappa das que se encontram abertas nos dias de domingo abaixo designados:

JANEIRO

DIAS	PHARMACIAS
11	REIS
18	MOURA
25	LUZ

Caixa Economica de Aveiro

Vão ser alterados os seus estatutos.

Uma das grandes inovações a entroduzir-lhe é a diminuição de juros aos depositantes que de 5 por cento passarão a 4 e meio.

Durante mais de 50 anos tem aquêle estabelecimento atravessado crises gràves, e nunca lançou mão daquêle meio violento que nas actuais circunstancias de prosperidade, de nenhum modo se justifica. Se éla foi creada para beneficiar as classes pobres e dos seus depositos éla tem vivido, de nenhum modo lhes devia cercear os seus interesses.

Não foi a Caixa instituida com o intuito ganancioso de enriquecer socios capitalistas.

Assim a crearam os seus benemeritos fundadores, restringindo as entradas e os depositos até um pequeno limite, e dando-lhe uma direcção que, até hoje, gratuitamente, tem prestado os seus serviços. Pois vão ser alterados estes habitos de modestia á sombra dos quaes tem vivido e prosperado! Nos novos estatutos é autorisada a creação de um gerente bem remunerado que até agora não tem sido necessario. Um *luxo* inutil que os depositantes tem de aguentar.

Quem se regalará com a choruda posta?

Agourâmos que é um passo errado para os interesses da Caixa. E, se não, o futuro o dirá.

O SAL

Tem estado em Aveiro ao preço de 40$00 o vagon.

Ultramar

Aos nossos presados assinantes da Africa, Brazil, Congo, etc., a quem pelo correio nos dirigimos enviando-lhes nota dos seus débitos, roga a administração do *Democrata* a finêsa de os mandarem satisfazer pela via que melhor lhes convier cérta, como está, de que todos assim procederão atenta a sua comprovada honestidade.

E aceitem por isso o nosso antecipado reconhecimento

CORRESPONDENCIAS

Alquerubim, 1

Ao cidadão Arnaldo Ribeiro e mais pessoal de redacção de *O Democrata*, envio bôas-festas.

= A câmara deste concelho já poz em cobrança e marcou cinco dias de praso para os professores pagarem as suas contribuições directas. De todas as câmaras do país só tres lançaram sobre o ordenado dos professores este odioso imposto. Os professores de 1.ª classe pagam seis escudos e noventa e oito centávos, e mais um escudo e vinte centávos de contribuição de serviço pessoal.

= Chegam hoje, de Trancoso, onde foram ás perdizes, os cidadãos dr. João Graça e Delfim Mélo. Que cheguem com bôa saúde e carregados de caça é o que lhes desejâmos.

= Teve logar, ha dias, o casamento do cidadão David Lemos, presidente da junta e professor desta freguezia, a quem desejâmos um futuro cheio de felicidades.

C.

Citação edital

(1.ª publicação)

Nos autos de inventario orfanologico a que no Juizo de Direito da comarca de Aveiro e cartorio do escrivão do 5.º oficio, abaixo assinádo, se procede por obito de Ana de Carvalho, casada, moradora que foi no logar e freguezia da Oliveirinha, e em que é inventariante Diamantino Simões Maia, viuvo da inventariada, daquele mesmo logar e freguezia, correm éditos de 30 dias a contar da publicação do segundo e ultimo anuncio, a citar as casas Antonio dos Santos Fonseca & Filho, do Porto; Rodrigues Quinteira & C.ª, do Porto; Campos, Melo & Irmão, Limitada, da Covilhã; Antonio Estrela & C.ª, da Covilhã; Neves Castela, & C.ª, da Covilhã e Antonio Fernandes Carvalho, solteiro, negociante, ausente em parte incerta no Brazil, para, na qualidade de credores do casal inventariado, a primeira pela quantia de 297$32; a segunda pela de 34$10; a terceira pela de 48$14; a quarta pela de 118$62; a quinta pela de 86$26 e o ultimo pela de 100$00, deduzirem os seus direitos no aludido inventário e sem prejuizo do seu regular andamento.

Aveiro, 8 de Janeiro de 1914.

Verifiquei

O Juiz de Direito

Regalão

O escrivão do 5.º oficio

Julio Homem de Carvalho Cristo